

SOE

38



**Universidade Eduardo Mondlane**  
**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**  
**Departamento de Sociologia**

**Menores no Sector Informal Como Estratégia de Sobrevivência das  
Famílias Carenciadas - "O Caso do Mercado do Xipamanine"**

**Trabalho de Fim de Curso**

Elaborado Por: Ivete Salomão Nhantumbo

Supervisionado Por: dr. João Carlos Colaço

Trabalho apresentado em cumprimento dos requisitos parciais, para a obtenção  
do grau de licenciatura em sociologia

Maputo, Setembro de 2007

### Declaração de Honra

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

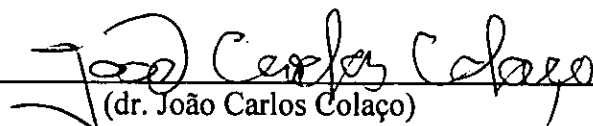
Maputo, Setembro de 2007

Licenciando

---

(Ivete Salomão Nhantumbo)

Supervisor

---

(dr. João Carlos Colaço)

### **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus pais Salomão Judas Nhantumbo e Madalena do Nascimento Sinane, aos meus irmãos Gilberto, Ângelo, Nascimento e Salomão Nhantumbo, e em especial ao meu sobrinho Yannick.

### **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar ao meu supervisor dr. João Carlos Colaço, pela dedicação, paciência e rigor científico na elaboração deste trabalho.

As instituições ligadas ao trabalho em estudo, meu agradecimento, pela colaboração prestada, especialmente ao chefe da secretaria do mercado informal do Xipamanine e a todos os funcionários pelo apoio.

À sétima geração da Ex. UFICS, em especial, as minhas colegas de grupo Tânia Pereira, Sónia Munete e Carla dos Santos do curso de sociologia que muito me apoiaram nos momentos difíceis que enfrentei para que o trabalho se tornasse realidade.

A minha família, aos meus pais irmãos e sobrinho por todo incentivo, carinho e amparo prestado. A todos o meu muito obrigado

E por fim ao Alexandre Janeiro Tembe, pelo apoio moral e encorajamento que prestou para a realização do trabalho e pela sua presença em todos os momentos difíceis que enfrentei.

**Resumo**

O presente trabalho foi realizado com o intuito de analisar o papel dos menores nas estratégias de sobrevivência das famílias carenciadas a partir do sector informal. Este trabalho foi realizado no mercado do Xipamanine onde foi identificado e inquerido um grupo de menores que se dedicam a actividade informal e seus respectivos responsáveis, com vista a identificar as actividades desenvolvidas pelos menores, identificar as razões do envolvimento dos menores no sector informal e quais as representações sociais que os mesmos tem da actividade informal, saber as percepções que os menores tem da sua situação e do seu futuro e por fim compreender o impacto da actividade informal sobre o menor e a família. O estudo mostrou que os menores são usados pelos seus responsáveis, apenas como mais uma fonte complementar da renda familiar negligenciando muitas das vezes o impacto desta pratica sobre o próprio, visto que a colocação do menor no sector informal, constitui um obstáculo à sua própria educação, e não constitui necessariamente uma solução sustentável à estabilidade sócio económica para a sua respectiva família, pois o que este traz da rua é pouco significativo e não muda em nada a condição precária da mesma, servindo apenas para satisfazer em parte algumas das necessidades diárias do próprio agregado.

**Índice****Página**

1. Introdução .....	2
2. Problemática .....	4
2.1 Hipóteses.....	6
3. Objectivos .....	7
3.1. Objectivo Geral.....	7
3.2. Objectivos Específicos.....	7
4. Metodologia .....	7
4.1. Procedimentos de recolha de informação durante o trabalho de Campo.....	8
CAPITULO I .....	11
Quadro Conceptual e Teórico.....	11
1. Sector Informal .....	14
2. Menor.....	16
3. Famílias Carenciadas .....	17
4. Trabalho Infantil .....	17
5. Representação Social .....	18
6. Mobilidade Social.....	20
CAPITULO II.....	21
Análise de Dados .....	21
1. Perfil dos Actores Sociais Pesquisados .....	21
2. Estrutura dos Agregados Familiares e Ambiente que envolve o Menor .....	23
3. Causas da Entrada dos Menores no Sector Informal .....	24
4. Principais Actividade Desenvolvidas Pelos Menores no Sector Informal. ....	27
5. Representações sociais sobre a actividade informal e a sua situação .....	31
6. Impacto da actividade informal no menor e na família .....	37
Conclusão .....	39
Bibliografia.....	40

## 1. Introdução

Moçambique é um país pobre, constituído por uma população, maioritariamente jovem e onde parte de 50% são crianças. Muitas destas crianças na sua maioria vivem em situações de carência. (UNICEF, 2002:7)

A pobreza, associada ao custo elevado de vida, ao desemprego e a falta de oportunidades tem sido a maior causa ou justificação para muitas atitudes e vias alternativas que a população tem tomado para contornar algumas privações pelas quais tem passado.

Uma das alternativas criadas para minimizar a situação de pobreza e carência foi a auto criação de formas de ocupação que garantem a subsistência diária destas camadas desprivilegiadas da população, que partem da venda de produtos alimentares, artesanato nos bazares, e nas ruas da cidade, até a venda de pequenos produtos nos "dumbanenques".

Estas actividades integram o chamado sector informal da economia, que é visto como uma das alternativas que socorre grande parte da população moçambicana, constituída maioritariamente por indivíduos desempregados e de baixa renda.

Este sector de acordo com Chichava (1998: 15) desempenha um papel importante para a sobrevivência destes indivíduos-na-medida em que garante o seu sustento, e é encarado como "bóia de salvação" para a população pobre, pois esta encontra nele formas infimas de remuneração, que lhes permitem não morrer a "mingua".

Em relação a população envolvida na gestão desta actividade informal, ela apresenta características selectivas em torno do sexo e da idade, onde o peso que representa a população feminina e o que representam os menores, é notório.

O presente estudo dará ênfase a apenas uma destas categorias de actores: os menores que representam uma percentagem de 28% dentre a população envolvida na gestão informal da economia moçambicana, segundo um estudo publicado pelo UNICEF (2001:47).

Estes menores pertencem maioritariamente a agregados familiares carenciados, caracterizados por um fraco poder de compra, baixos rendimentos, vivendo na periferia da cidade e em condições de vulnerabilidade. São menores que se tornam mão-de-obra para contribuir no aumento da renda familiar ou no sustento deles próprios.

O estudo está organizado em dois capítulos fundamentais;

O primeiro refere-se ao quadro conceptual e conceitos básicos. Nele apresentamos conceitos chaves como: sector informal, menores, famílias carenciadas, representação social e mobilidade social. Apresentamos igualmente neste capítulo a abordagem teórica por nós utilizada, que é a abordagem fenomenológica da vida quotidiana desenvolvida por Peter Berger e Thomas Luckman e apoiamo-nos ao funcionalista Robert Merton e na sua noção de desvio.

A abordagem fenomenológica permiti-nos analisar a maneira como os actores sociais por nós estudados atribuem sentido, interpretam e questionam a realidade que os envolve. O funcionalista Robert Merton apoia-nos na explicação que damos a informalidade. Ela pode ser considerada um desvio, isto é, um ajustamento a uma situação concreta de integração. Os actores sociais na tentativa de integrarem-se na sociedade criam o desvio, no caso a informalidade, que é a solução que agregados familiares inteiros encontram para satisfazer as necessidades básicas diárias causadas pela ausência de um emprego formal.

No segundo capítulo apresentamos a análise de dados. Nele estão expostos o perfil dos actores sociais por nós pesquisados, a estrutura dos seus agregados familiares, as causas da entrada dos menores no sector informal, as principais actividades desenvolvidas pelos mesmos, as representações sociais em relação a sua situação e a actividade informal e os impactos da mesma sobre o menor e a família.

Antes porém, são apresentados os objectivos fundamentais do estudo e abordados os aspectos metodológicos, além da apresentação das hipóteses que orientam o presente trabalho.



## 2. Problemática

As limitações económicas que afectam grande parte da população moçambicana, na sua maioria resultantes da falta de um emprego formal, são atenuadas com empregos alternativos no sector informal da economia, e nesta incessante busca de alternativas de sobrevivência são arrastados agregados familiares inteiros incluindo os menores.

Estes menores encontram-se normalmente em famílias consideradas de risco, ora por serem chefiadas por mulheres e possuírem, deste modo, apenas um recurso humano disponível para a manutenção económica do agregado, ou, por fazerem parte de agregados onde os chefes possuem um nível baixo de escolaridade, o que contribui para menores rendimentos e consequentemente menor produtividade do agregado.

De acordo com a UNICEF (2002:42), a literatura existente e o discurso predominante afirmam que, devido a pobreza extrema associada as péssimas condições de vida em que se encontram a maior parte dos agregados familiares moçambicanos, as crianças são impelidas a ingressar no sector informal como forma de ajudar na manutenção económica do mesmo através do aumento da renda para a satisfação das necessidades básicas diárias.

Esta situação afecta um número considerável de crianças moçambicanas pobres, crianças que trocam a sua infância pelo trabalho, trocam uma possível progressão económica caracterizada por salários justos e horas de trabalho regulamentadas através de uma educação escolar por uma entrada precoce no mercado de trabalho, mercado este que oferece perigos ao menor pois, uma vez na rua a criança não só vende como também está sujeito a desenvolver vícios: roubar, prostituir-se, drogar-se, constituindo assim um problema comum para a sociedade onde se encontram inseridos, pois segundo se afirma, a criança de hoje será o adulto de amanhã. Segundo a UNICEF (2002:40), são os mesmos menores vistos como os que futuramente constituirão um perigo para a sociedade pois, muitos deles tornar-se-ão jovens e adultos sub-educados e sem esperança nem oportunidades, cujo caminho alternativo venha a ser o mundo do crime.

Estes menores tornam-se também uma ameaça ao crescimento económico e ao desenvolvimento do país visto que, apesar de alguns deles frequentarem a escola muitos encontram-se em níveis inferiores a sua idade e com o tempo vão desistindo da escola, mas o que verifica-se é que não é só a pobreza e falta de dinheiro que contribui para a desistência escolar, mas também o descrédito que a educação tem no seio da população pobre como meio de melhoria da sua condição desprivilegiada, e também a crescente busca de soluções imediatas para responder a pobreza que os assola, o trabalho trás consigo um sustento imediato que a educação não dá. Essa questão prejudica o país na medida em que cria um défice na formação de quadros capacitados que se colocariam nas diversas áreas chaves para o desenvolvimento económico do país.

Muitos dos agregados onde os menores pertencem, são carenciados e fazem do sector informal fonte de rendimento para o sustento familiar, e o uso de menores na actividade informal de compra e venda de produtos é visto pelos mesmos, apenas como mais uma fonte de geração de renda para o sustento familiar negligenciando muitas das vezes o impacto desta pratica sobre o próprio menor. É o próprio agregado que muitas vezes prefere colocar o menor no sector informal em detrimento da escola, com o argumento de que são pobres e o custo de vida ser alto, substituindo deste modo a sua infância por um trabalho precoce no sector informal; que não possa modificar de forma significativa a condição precária da sua família.

Esta situação torna a pobreza em Moçambique um fenómeno "circular", diminuindo as possibilidades reais, nas respectivas famílias de haver uma mobilidade social vertical positiva.

Daí a questão central que se coloca é: constitui uma solução sustentável à estabilidade sócio económica dos agregados familiares carenciados a presença do menor no sector informal?

## 2.1 Hipóteses

**Hipótese 1.** Mesmo sendo pouco significativo o que o menor traz da rua, é importante o seu envolvimento na actividade informal devido a crescente necessidade que os agregados carenciados têm de diversificação de fontes de renda através da participação activa de todos os membros do agregado.

**Hipótese 2.** É dispensável o envolvimento do menor na actividade informal pois o que este traz para família é pouco significativo e não muda em nada a condição precária da mesma, servindo apenas para satisfazer em parte algumas das necessidades diárias do próprio agregado.

## 2.2 Pertinência Sociologica

Encontram-se no sector informal 28% de menores, segundo um estudo publicado pela unicef. Menores estes que devido as condições precarias em que as suas respectivas familias se encontram são incitados a entrar no mercado de trabalho como meio de ajudar na manutenção económica dos mesmos.

Este cenário é vivido por um numero significativo de crianças moçambicanas, que para além de usarem o mercado de trabalho como local de trabalho, usam-so simultaneamente como local de recreação, o que os coloca em situação de risco.

O presente trabalho permitirá ter um conhecimento mais profundo do ambiente familiar e de trabalho que envolve o menor, suas necessidades, privações, angustias e desejos, o que nos possibilitará dar à conhecer ao fundo esta problemática que envolve grande parte da população moçambicana.

### 3. Objectivos

#### 3.1. Objectivo Geral

- ✓ Analisar o papel dos menores nas estratégias de sobrevivência das famílias carenciadas a partir do sector informal.

#### 3.2. Objectivos Específicos

- ✓ Identificar o tipo de actividade informal desenvolvida pelos menores.
- ✓ Compreender porque razão estão os menores no sector informal e quais as representações sociais que estes tem da actividade informal.
- ✓ Saber as percepções que os menores tem da sua situação, da sociedade na qual se encontram inseridos e do seu futuro.
- ✓ Compreender o impacto da actividade informal sobre o menor e a família.

### 4. Metodologia

O presente trabalho foi realizado na cidade de Maputo entre os meses de Fevereiro e Abril de 2007, mais concretamente no mercado de Xipamanine. Trata-se de um dos maiores pontos de concentração da actividade comercial informal a nível do município da cidade de Maputo, *situ* no distrito municipal numero três. Este mercado esta rodeado maioritariamente de habitações construídas com paredes de madeira e zinco, sem electricidade, sem um sistema de saneamento, sem um sistema de drenagem das aguas das chuvas, o que torna alguns pontos do mesmo de difícil acesso durante a época chuvosa, mais concretamente fora do mesmo, onde se confecciona alimentos e onde se

vende roupa usada.

A execução do trabalho seguiu a seguinte sequência:

- ✓ Uma primeira fase de levantamento bibliográfico em bibliotecas, instituições estatais e ONG's que trabalham com menores. Esta etapa incluiu a pesquisa de fontes bibliográficas como é o caso de relatórios, publicações, artigos e todo o material publicado e editado sobre os menores no sector informal.
- ✓ Uma segunda fase de trabalhos de campo, que consistiu, na observação, e entrevistas abertas ministradas aos menores no sector informal e seus respectivos agregados familiares.

#### **4.1. Procedimentos de recolha de informação durante o trabalho de Campo**

I. Escolha da hora para recolha de informação: a recolha de informação para a realização do presente trabalho, teve lugar no mercado de Xipamanine durante os meses de Fevereiro e Abril de 2007. Para tal foi definido um período no qual com ajuda dos responsáveis do mercado estudou-se a rotina dos menores e os principais períodos de actividades dos mesmos naquele mercado. Deste trabalho resultou a definição de dois períodos do dia para recolha de informação com os menores e seus familiares, sendo as primeiras horas do dia entre as 05:30 - 10h e no final da tarde, entre as 15h - 18h.

- A escolha destes dois períodos deveu-se ao facto de parte dos menores realizar as suas actividades nas primeiras horas do dia, um pouco antes e logo a chegada dos vendedores, e no final da tarde pelo facto de outro número de menores utilizar as tardes depois da vinda da escola para vender e realizar outro tipo de trabalhos no mercado, tal e qual como se verifica com os menores que passam suas manhãs no mercado e o período da tarde é reservado as aulas na escola.

II. Grupo Alvo: a população alvo deste trabalho foram os menores no mercado de Xipamanine e seus agregados familiares. Notou-se que os menores que frequentam o mercado apresenta características particulares no concernente a proveniência, grau de envolvimento no negocio (empregado, negocio da família, trabalho por conta própria), daí a necessidade de dividi-los em grupos diferenciados no sentido de entender melhor a sua participação na actividade informal.

III. Amostra: porque o mercado não nos apresenta um número exacto da população de menores que se dedicam a actividade informal bem como uma homogeneidade das actividades realizadas pelos menores no mercado, o método de amostragem utilizado foi o estratificado, onde o número da amostra a usar se obtém separando os elementos da população em grupos mutuamente exclusivos denominados estratos (*grupos homogéneos relativamente à característica ou características a estudar*) e a partir destes a selecção de uma amostra aleatória simples dentro de cada estrato, onde nenhum elemento da população pode estar simultaneamente presente em dois ou mais estratos.

- Como resultado, foram inquiridos 40 menores e suas respectivas famílias ou chefes de agregados familiares, sendo treze menores e respectivas famílias por estrato. Temos três estratos a saber: menores que trabalham por conta própria, menores que se dedicam a um negocio da família, menores empregados.

IV. Recolha de dados: para a colecta de informação foi usado o método de entrevistas semi-estruturadas, dirigidas aos menores e seus respectivos responsáveis. Neste processo, primeiro eram entrevistados os menores dentro de cada extracto e em seguida a sua família, mais concretamente ao chefe do agregado familiar. Aliada a estas entrevistas, foram realizadas visitas as casa dos menores e acompanhamento de alguns menores observando de forma participativa a rotina destes.

- Através destas entrevistas foi colhida informação que ajudou a compreender a natureza das actividades desenvolvidas pelos menores, as causas e consequências do seu envolvimento no sector informal. Além disso as entrevistas serviram de

suporte para entender aspectos como o ponto de vista do menor em relação a situação em que se encontra, como é que ele a descreve, que terminologia utiliza em relação a actividade que desenvolve, escolaridade e finalidade que dá ao dinheiro que ganha e com quem vive.

- As entrevistas aos responsáveis dos agregados familiares permitiram conhecer e entender o ambiente, a composição e estrutura dos seus agregados familiares, a sua situação financeira, assim como a visão que as famílias tem do envolvimento dos menores no sector informal, as motivações e o impacto que esse envolvimento tem para a vida do menor e da família.

## CAPITULO I

### QUADRO CONCEPTUAL E TEÓRICO

A abordagem que julgamos conveniente para dar sustentação ao nosso trabalho é o da análise fenomenológica da vida quotidiana, desenvolvida por Peter Berger e Thomas Luckmann.

Esta abordagem teórica ocupa-se com tudo aquilo que é considerado conhecimento na sociedade humana, independentemente da validade ou invalidade última desse conhecimento. Ela analisa a maneira como esse conhecimento desenvolve-se, transmite-se e mantém-se em situações sociais. Em outras palavras, ela ocupa-se da “construção social da realidade”.

Recorre-se a ela para analisar a maneira como os actores sociais por nós estudados, atribuem sentido, interpretam e questionam a realidade que os envolve.

A vida quotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjectivamente dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente. Mundo este que não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros da sociedade nas suas condutas subjectivamente dotadas de sentido que imprimem as suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na acção dos homens, sendo afirmado como real para eles. Onde a atenção a esse mundo é principalmente determinada por aquilo que se está fazendo ou planejando fazer nele.

A realidade da vida quotidiana apresenta-se como um mundo inter subjectivo, um mundo de que se participa juntamente com os outros, ou seja, o mundo da vida quotidiana é real para todos indivíduos. Não se pode existir na vida quotidiana sem estar continuamente em interacção e comunicação com os outros. A atitude que tenho com relação ao mundo corresponde a atitude natural dos outros, eles também compreendem as objectivações graças as quais o mundo é ordenado. Deste modo, o mundo em que vivemos nos é



comum no que respeita a realidade dele. Existe uma conduta correspondente entre “meus” significados sobre a realidade e os significados dos demais membros.

Neste sentido as interpretações que são feitas pelos menores dentro do grupo acerca da informalidade são comuns a todos eles, são partilhadas por todos e é em função desses sentidos e significados que os mesmos atribuem a realidade, que guiam as suas condutas na vida diária.

A abordagem fenomenológica ajuda-nos a captar os significados e sentidos que os menores dão a informalidade, captamos as percepções que os mesmos têm da sua situação e do seu futuro, ou seja a fenomenologia ajuda-nos na interpretação dos sentidos e significados que os menores fazem do mundo que os rodeia.

Apoiamo-nos nela porque para além de ser uma teoria que dá primazia a explicação dos problemas do quotidiano, ela eleva a importância do sujeito no processo de construção do conhecimento, pois segundo ela o mundo é criado pela consciência do sujeito, ele é quem dá significado a esse mundo através da sua visão pessoal, através da interpretação que o sujeito dá ao mundo que surge a sua volta.

Ela exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente a nossa consciência, isto é, a consciência esta sempre dirigida a um objecto, o conhecimento é possível quando o sujeito sente-se atraído por um objecto e é o actor que dá significado a esse objecto através de sua visão sobre o mundo a sua volta.

A realidade que os menores a descrevem é tida como real para eles, pois eles a descrevem tendo em conta o contexto em que se encontram inseridos, as privações e necessidades que vivem, e esta realidade é partilhada por todos os menores, é comum ao grupo.

Recorremos também ao funciona lista Robert Merton e a sua noção de desvio. Segundo Merton, o comportamento desviante provém das contradições existentes entre as

aspirações inseridas na matriz cultural e a desigualdade da estrutura social de uma dada sociedade, ou seja, o que esta em causa no comportamento desviante é a existência de uma contradição entre as aspirações que a cultura moderna instila nos indivíduos, e as oportunidades de satisfação que a estrutura social oferece aos indivíduos, onde verifica-se que as oportunidades de satisfação são apenas para alguns membros da sociedade não se arrastando para os demais membros.

De acordo com Merton os indivíduos estão situados diferencial mente na estrutura social, e isso confere-lhes oportunidades diferenciadas de alcançar os seus fins, o que cria um desajustamento na sociedade, e é a tentativa de integrar-se e ajustar-se dentro da sociedade que cria o desvio.

Assim o comportamento desviante é uma tentativa de se adaptar ao desajustamento, dado que não existe compatibilidade entre os objectivos e os meios de satisfação desses objectivos.

Sendo a informalidade considerada como um desvio, ela pode ser vista como um ajustamento a uma situação concreta de integração, é o meio que agregados familiares inteiros encontraram para contornar as limitações económicas causadas pela ausência de um emprego formal. A informalidade é vista como o meio que os indivíduos encontraram para alcançar os seus objectivos, no caso a satisfação das suas necessidades, ela surge e se nutre através da incapacidade de oferta de emprego que a estrutura social oferece aos indivíduos.

Na nossa sociedade a enorme competitividade na busca de um emprego formal e o elevado custo de vida a que os indivíduos estão sujeitos faz com que, os mesmos na ausência de alternativas de subsistência optem por ingressar no sector informal como meio de integrar-se na sociedade, pois este substitui a ausência do emprego formal embora muitas vezes sirva apenas para a satisfação das necessidades primárias e diárias, não deixando margens para uma ascensão económica.

Para o presente trabalho considerar-se-ão os seguintes conceitos chaves: sector informal, menores, famílias carenciadas, representação social e mobilidade social.

## 1. Sector Informal

Este conceito é muito vasto, e na área das ciências sociais não existe consenso entre os vários autores que se tem debruçado sobre ele, estando as divergências centradas nos diferentes critérios usados para a sua definição.

Para Chichava (1998:6), alguns baseiam a sua definição em aspectos jurídicos - legais, onde o sector informal é definido como sendo fora da lei, ilegal, clandestino, subterrânea (...), enquanto outros olham para aspectos estatísticos - legais, onde fazem parte do sector informal todas actividades não registadas nas cotas nacionais.

De acordo com Chichava (1998:6), há ainda aqueles que dão ênfase a aspectos económicos, apontando o sector informal como uma economia secundaria alternativa e marginal, existem também os que consideram o sector informal sob o ponto de vista político, e afirmam que ele é uma alternativa de desenvolvimento da economia nacional. Entretanto, Chichava (1998:7), considera o sector informal, todo o trabalho que os indivíduos realizam fora das unidades de produção e escritórios formais, caracterizado pela ausência de contrato ou acordo de trabalho reconhecido pelas partes, para além da não existência de salários ou remunerações fixas!

/Ainda, para ele o sector informal abarca as actividades dos pequenos comerciantes, sub empregados, trabalhadores com emprego casual ou irregular, emprego em actividades de conta própria, ou de empresa de pequena escala envolvida na industria e serviços. O sector informal também incluiria aqueles trabalhadores incapazes de encontrar ou manter um emprego remunerado regular.

Segundo Abrahamson e Nilsson (1995:73), as actividades informais são também vistas como uma integração opcional da economia familiar de subsistência no processo de acumulação do modo de produção capitalista onde as opções estratégicas de

sobrevivência das famílias podem ser alteradas de acordo com as mudanças das condições de troca com o mercado. As actividades informais, conservam uma posição dominante na economia, pois a base de sobrevivência de muitas famílias depende muito destas actividades.

Para Samuelson (1999:743), o sector informal insere-se na chamada economia subterrânea, como uma alternativa não registada oficialmente. Esta economia subterrânea, abrange varias actividades legais não declaradas as autoridades fiscais e ainda actividades ilegais.

A organização Internacional de Trabalho (OIT), considera o sector informal como sendo unidades económicas envolvidas na produção de bens e serviços desenvolvidos em pequena escala, de forma artesanal, sem separação da titularidade do trabalho e capital, com um baixo nível de organização, e tendo como objectivo final a criação de emprego e rendimento. (OIT, 1993)

Entretanto para Quive e Patricio (2005:9), o sector informal é aquele em que operam pequenas unidades económicas e financeiras que empregam um numero não superior a dez trabalhadores, onde os gestores das mesmas são ao mesmo tempo proprietários, e que não estão em conformidade com o quadro legal e estatístico do país. Estes dois autores ainda consideram o sector informal, como sendo unidades económicas produtoras de bens e serviços em pequena escala na base de fundos próprios dos envolvidos, isto é, sem separação entre capital, meios de produção e, as vezes, mão-de-obra a ser empregue nesse empreendimento, além de não considerar o enquadramento dos sujeitos económicos nos sistemas formais de segurança social.

Para o presente trabalho recorreu-se a todos estes autores pois as varias definições individuais mostraram-se limitadas ou insuficientes, dado que cada investigador privilegia apenas certos parâmetros individualizados para a definição. Por exemplo, recorre-se a Chichava, quando este afirma que o sector informal são todas as actividades produtivas que as pessoas fazem fora das unidades de produção e escritórios

formalizados, e junta-se um pouco do que Abrahansson e Nilsson dizem ao referir que o sector informal são actividades que servem de base para a sobrevivência de muitas famílias, terminando em Quive e Patrício que apoiam sua definição no facto de serem pequenas unidades produtoras de bens e serviços em pequena escala, na base de fundos próprios dos envolvidos.

Ainda sobre o sector informal, Samuelson (1999:261), recorreu-se as teorias Neo-Liberal e Marxista que afirmam que o sector informal consiste numa actividade tradicional de auto sustento fora do controlo do estado, ou seja, é uma actividade que serve apenas de sobrevivência a margem das economias em desenvolvimento, actividade esta que gera rendimentos de subsistência.

## 2. Menor

No que diz respeito ao conceito de Menor, usou-se o conceito descrito pela legislação - Lei de Trabalho e pelo dicionário de ciências sociais (1986:741), onde menor é uma pessoa que, conforme a lei, se encontra em uma idade na qual lhe são impostas restrições quanto ao exercício de direitos ou lhe é atribuído tratamento diferenciado.

A condição de menor, perante a lei, não depende do desenvolvimento individual, quer quanto as aptidões e potencialidades, quer quanto as possibilidades de desempenho na sociedade. Ao determinar a faixa etária democraticamente activa, a lei procura aproximar-se de um estagio da vida em que provavelmente a pessoa estaria em condições de determinado desempenho. Para mostrar este facto, temos como exemplos, o inicio da vida laboral que por lei só é permitido a partir dos 15 anos de idade, o exercício do direito a voto que só é permitido a partir dos 18 anos de idade, que é a idade em que considera-se que o jovem esteja apto para exercer o seu direito de escolha de candidatos a postos electivos. Abaixo dessas idades, a pessoa é considerada menor para cada situação.

Diz-se menoridade ao período em que há restrições da lei segundo a idade. A menoridade varia segundo cada país e é estabelecida pela legislação segundo critérios

locais. Sob o aspecto do gozo da capacidade laboral é considerado menor a pessoa com idade inferior a 15 anos.

### **3. Famílias Carenciadas**

No que diz respeito ao conceito de famílias carenciadas socorremo-nos as definições dadas pelos seguintes autores:

Para Andrade (1992:68), famílias carenciadas são aquelas que tem um fraco poder de compra, baixa renda, vivem na periferia da cidade em condições vulneráveis com carência de serviços básicos de saúde, habitação adequada, água, electricidade e saneamento do meio ambiente.

De acordo com Chichava (1998: 14), famílias carenciadas são aquelas que dependem do mercado para a sua alimentação diária, aquelas em que o cabaz necessário a sua alimentação absorve a maior percentagem dos seus orçamentos, assim elas são obrigadas a sacrificar outras despesas não menos necessárias como a educação dos filhos e a saúde, em prol da satisfação de suas necessidades alimentares.

### **4. Trabalho Infantil**

De acordo com a lei do trabalho Moçambicana, é proibido empregar crianças menores de 15 anos a menos que tal seja acordado pelos Ministérios do trabalho e da Educação assim como pelos seus tutores legais. Em caso de acordo, para evitar qualquer dano ao desenvolvimento físico e moral do menor, este só pode ser empregado em áreas onde a sua educação e capacitação sejam tomadas em consideração e que as condições de trabalho sejam apropriadas para a sua idade.

Outra disposição importante sobre o emprego de menores, é que, é proibida a admissão

de menores sem a realização de um exame físico e mental, devendo estes ser observados todos os anos até atingirem os 18 anos de idade para garantir que a sua saúde física e mental não seja posta em perigo.

Os menores de 18 anos também estão proibidos de se empregar em trabalhos considerados perigosos e no sector público, e em caso de serem empregados, só podem trabalhar um máximo de 7 horas diárias e de 38 por semana, estando os empregadores proibidos de pagar menos de dois terços do salário atribuído pela mesma função as pessoas com mais de 18 anos de idade.

A falta de mecanismos de verificação do cumprimento das disposições explícitas na lei de trabalho, é o maior obstáculo que se coloca para a viabilização destas políticas. (UNICEF, 2001:49 )

## **5. Representação Social**

Neste trabalho pretende-se demonstrar como os menores representam a actividade que desenvolvem, e para isso recorreu-se ao que se entende por representação social.

As representações sociais reflectem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objectos que o afectam.

São categorias de pensamento que expressam a realidade, justificando-a ou questionando-a.

Elas se constituem através de uma serie de opiniões, explicações e afirmações que são produzidas a partir do quotidiano dos grupos, sendo a comunicação interpessoal importante neste processo.

São consideradas “ teorias do senso comum “, criadas pelos grupos como forma de explicação da realidade, sendo que as pessoas no seu dia a dia vão trocando impressões em torno da realidade que os rodeia. Segundo Moscovici (1978: 26) é deste intercâmbio que se vão construindo e reconstruindo as opiniões, explicações e afirmações sobre a realidade, constituindo-se representações sociais sobre essa realidade.

Para Moscovici o sujeito é activo, construtor do mundo a partir dos matérias que a sociedade lhe oferece, ele não é passivo, ou não depende apenas da realidade exterior para atribuir significados, existe a sua reflexão subjectiva que interfere na construção das representações sociais.

As representações sociais são assim concebidas como categorias de pensamento, formas de conhecimento elaboradas e partilhadas por grupos sociais, que os auxiliam a interpretar, questionar, atribuir sentido e intervir na realidade.

Ainda em torno de Moscovici, ele estabelece três critérios para análise das representações sociais.

- I. *Critério Quantitativo*: afirma que uma representação é social na medida em que é partilhada por um conjunto de indivíduos, isto é, comum a diferentes indivíduos.
- II. *Critério Genético*: a representação é social no sentido em que é colectivamente produzida. A representação social é produto das inteirações e dos fenómenos de comunicação no interior de um grupo social, reflectindo a situação desse grupo, os seus projectos, problemas e estratégias. Nesse sentido ela é entendida como produto da actividade cognitiva e simbólica de um grupo social
- III. *Critério da Funcionalidade*: aqui a representação social é entendida como contribuindo para os processos formadores e de orientação da comunicação e comportamentos.

Segundo Minayo ( 1994:108 ) a representação social ocorre de forma dinâmica em que interagem as condições sociais, as formas organizacionais da sociedade, os actores e suas praticas sociais, prōduzindo formas especificas de conhecimento. São determinadas e determinantes das condições sociais, sendo a fala sua reveladora primordial. Elas se manifestam em palavras, sentimentos e condutas, e se institucionalizam. Podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais.

Considera-se representação social, a forma como cada grupo procura explicar todos os fenómenos que o envolvem. Neste caso vai-se conceber a actividade informal,



considerando o papel dos menores nesta atribuição de sentido.

Pensar nas representações sociais que os menores têm da actividade informal é buscar a explicação, o sentido e o significado que os mesmos atribuem a esta actividade.

## **6. Mobilidade Social**

A mobilidade social é a possibilidade de passagem de um lugar para outro nas posições sociais que os indivíduos ocupam e pode definir-se como o movimento das posições política, económica e social de um individuo ou de um estrato. (Demartins, 1999: 130)

É a passagem de um individuo ou de um grupo de um estrato social para o outro.

Ainda segundo Demartins, a mobilidade social refere-se genericamente a uma mudança de posição social, ela significa uma melhoria ou agravamento das condições de vida, ela implica sempre mudança do lugar, posição, estatuto sócio económico que os indivíduos ocupavam anteriormente. Distinguem-se a mobilidade horizontal e a vertical.

Mobilidade horizontal é o deslocamento ou passagem de uma posição para outra, entre as quais não é possível estabelecer diferença de níveis, isto é, descreve uma mudança da posição de um individuo que não influa no seu estatuto social (uma pessoa que passa da venda de móveis à venda de seguros, muda simplesmente de trabalho, não muda de estatuto social).

Mobilidade vertical, indica um deslocamento entre posições sociais diversas, avaliadas em termos de superioridade ou inferioridade, isto é, este nível de mobilidade apresenta duas situações: pode ser ascendente ou descendente conforme a direcção da mudança. No caso da mobilidade vertical ascendente, o individuo passa de uma categoria social para outra considerada superior. Na mobilidade descendente dá-se o inverso, ou seja, o individuo que numa determinada empresa é técnico de informática e que ao passar para outra vai ocupar um lugar indiferenciado.

## CAPITULO II

### ANALISE DE DADOS

#### 1. Perfil dos Actores Sociais Pesquisados

Durante a realização do trabalho de campo foram identificados três grupos diferenciados de menores a saber:

- ✓ Menores que trabalham por conta própria;
- ✓ Menores que trabalham no negocio da família;
- ✓ Menores empregados;

Menores que trabalham por conta própria: tem idades compreendidas entre 8 a 12 anos, encontram-se maioritariamente sob responsabilidade dos seus avos ou outro familiar distante. São órfãos de um dos progenitores, ou, filhos de pais separados cujos mesmos formaram novas famílias e deixaram-nos aos cuidados dos avos, que dedicam-se para o seu sustento familiar, à venda de pequenos produtos na porta de casa, tais como: fósforo, cigarros, doces, etc..

Tem a particularidade de quase todos viverem no mesmo bairro (arredores do mercado do Xipamanine e Zixaxa), em habitações sem electricidade, construídas com paredes de madeira e zinco, com pavimento de terra batida, sem retrete e com água de fontanários. Não frequentam a escola, não sabem ler nem escrever e confundem-se com os menores da rua em função das suas características: usam roupa rasgada, extremamente suja, andam descalços, passam quase o dia inteiro a deambular pelo mercado e muitas vezes alimentam-se nele.

Tem uma área operacional fixa no mercado, fora do mesmo mais concretamente onde se confeccionam alimentos e onde vende-se roupa usada. Estes menores trabalham em grupo, são muito unidos, e defendem-se uns aos outros de qualquer perigo que possa aparecer, Ex.: dos rapazes mais velhos que lhes tentam tirar a receita diária, etc., existe um elo de ligação entre eles que apesar das discussões, e insultos que possam ser ditos na altura de realizar a actividade não é posto em causa.

Menores que trabalham no negocio da família: dentro deste grupo encontram-se dois subgrupos:

- ✓ Menores que trabalham com um parente por perto; que é na maior parte dos casos o seu responsável;
- ✓ Menores que trabalham sem um parente por perto

Menores que trabalham com um parente por perto: tem 11 a 14 anos de idade, estão sob responsabilidade dos pais, trabalham no mercado com a mãe, e o pai tem um emprego formal que pode ser, na maior parte dos casos por nós entrevistados: guarda, electricista, carpinteiro, policia, etc.. Vivem nos arredores do mercado do Xipamanine, Chamanculo, aeroporto, em habitações com electricidade, construídas com paredes de bloco de cimento ou bloco de tijolo, o pavimento da habitação é de cimento, com água canalizada fora de casa. Trata-se de menores que frequentam a escola e usam o tempo em que não estão na escola a ajudar a mãe no mercado. Trabalham fora do mercado, nas barracas onde se confeccionam alimentos.

Menores que trabalham sem um parente por perto: tem 8 a 14 anos de idade, vivem apenas com um dos progenitores. A maior parte deles faz parte de agregados chefiados por mulheres, esta é em muitos casos empregada domestica. Tratando-se de menores que vivem com o pai, este tem um emprego formal e os mais frequentes são os de carpinteiro e guarda. Vivem nos arredores do mercado em habitações sem electricidade, sem água canalizada, sem retrete, com parede de madeira e zinco. São menores que nunca frequentaram a escola. São ambulantes, circulam pelo mercado todo carregando bacias, tigelas ou mesmo peneiras com os produtos que vendem: castanha e amendoim torrado, bolos, doces, salgados prontos a comer.

Menores empregados: curiosamente neste grupo figuram apenas menores vindos de fora da cidade e província de Maputo. Tem idades compreendidas entre 14 a 15 anos e não frequentam a escola. São filhos de pais camponeses, que pararam de estudar devido a falta de condições financeiras e migraram à Maputo a procura de melhores condições de

vida. Trabalham para um patrão que não tem nenhum grau de parentesco com ele. Por virem de fora, mais concretamente das províncias do sul de Moçambique (Gaza e Inhambane) são lhes concedidas certas condições como alojamento, alimentação, tudo em casa do empregador e um subsidio magro que varia de 350 a 500 meticais mensais.

## **2. Estrutura dos Agregados Familiares e Ambiente que envolve o Menor**

Das entrevistas feitas aos agregados familiares, foi possível verificar que as famílias destes menores, são constituídas em média por 7 membros, dos quais apenas um membro (na sua maioria o chefe do agregado que é o pai) tem uma fonte fixa de renda com uma média mensal de cerca de 1500 MT. Na sua maioria o dinheiro para o sustento destas famílias vem de um emprego formal do chefe do agregado que pode ser um guarda, pedreiro, carpinteiro, bem como de uma actividade informal desenvolvida pela mulher e pelos filhos (confeccionamento de alimentos, venda de doces e salgados).

Quanto ao nível de escolaridade dentro do agregado, notou-se uma média de 5ª classe entre os membros, no total dos agregados entrevistados.

Estes agregados vivem na sua maioria em habitações precárias, sem electricidade, sem água potável, saneamento, construídas com paredes de madeira e zinco, com pavimento de terra batida.

Em relação ao que os encarregados pensam sobre a educação dos menores, na maior parte dos casos notou-se um certo descrédito em relação a educação, sendo a falta de condições para colocar os menores na escola a maior justificação, mas na pratica não é o que se verifica, pois grande parte dos agregados inquiridos tem condições de colocar o menor na escola, o que se verifica é que os chefes tem um nível baixo ou quase nenhum de escolaridade e ignoram a importância que a educação possa ter na vida dos seus filhos

futuramente, principalmente pelo total descrédito que estes tem da educação preferindo mandar o menor a rua vender em detrimento de receber uma educação escolar.

Esta atitude tem como consequência o agravamento do problema no seio da família, porque quando estes menores integram a força de trabalho encontram-se em condições desvantajosas para se incorporarem nos sectores mais remuneráveis da economia, com produtividade elevada acabando em sectores de baixa produtividade e renda, os mesmos que determinam a pobreza dos seus pais.

### 3. Causas da Entrada dos Menores no Sector Informal

As causas da entrada dos menores no sector informal são inúmeras, e estão ligadas à pobreza e à falta de oportunidades de educação. sendo a falta de um emprego formal por parte do responsável do menor associado ao alto custo de vida as mais apontadas. Contudo existem outras a saber

:

- ✓ A vulnerabilidade de certos agregados familiares: os menores que pertencem a agregados familiares chefiados por mulheres são considerados vulneráveis, especialmente quando a mulher vive sozinha com os seus filhos e não recebe ajuda económica externa. A literatura sugere três explicações:
  - A ausência de um chefe homem pode resultar numa menor capacidade do agregado receber rendimentos posto que há menos pessoas trabalhando,
  - A mulher tem em geral um nível educacional inferior ao dos homens e menos experiência laboral, o que resulta numa menor produtividade e portanto menores rendimentos,
  - Existência de discriminação no mercado de trabalho especialmente no

sector formal, o qual, adopta a forma de vencimentos e segregação laboral.

Os agregados carenciados com um número elevado ( 5 ) de menores também encontram-se em situação de vulnerabilidade. A sua fecundidade sendo relativamente elevada a atenção em matéria de nutrição e educação que recebem esses menores é per capita, muito escassa, posto que os rendimentos familiares são baixos e as capitas são muitas.

- ✓ Chefes de agregados familiares que possuem um nível baixo de escolaridade, o que contribui para menores rendimentos e conseqüentemente menor produtividade,
- ✓ O descrédito que a educação tem no seio das famílias carenciadas, associada a crescente necessidade que as mesmas tem de obtenção de dinheiro rápido para o seu sustento.

Posto isto, é necessário analisar delicadamente as causas de cada grupo de menores por nós entrevistado, dado que em cada grupo os menores apresentam as suas características e conseqüentemente as suas motivações.

Apesar da literatura afirmar que devido a pobreza que assola os agregados familiares, e a crescente necessidade de todos os membros do agregado se envolverem no aumento da renda familiar, os menores são impelidos a entrar precocemente na vida laboral como forma de aumentar a renda e daí satisfazer as necessidades básicas dos agregados, o presente trabalho revelou-nos algo interessante:

- I. Na maioria dos casos, são os chefes dos agregados familiares que obrigam os menores a entrar no sector informal, alguns porque deixam-nos aos cuidados dos avós ou outros familiares distantes sem posses e que encontram-se em condições precárias constituindo assim uma via de entrada ao sector.
- II. Outros porque directamente mandam os seus filhos a rua vender sem lhes dar um poder de escolha, relegando a sua educação para segundo plano.

Olhando para cada grupo de menores foram identificadas as seguintes causas para o seu envolvimento na actividade informal:

Menores que trabalham por conta própria: por estarem aos cuidados dos avós ou outro familiar distante, na sua maioria sem posses e com baixa renda, dedicando-se a venda de pequenos produtos na porta de casa, que não chegam a fazer uma contribuição significativa para a renda familiar, constituem o grupo mais vulnerável. Dada a situação em que vivem, são incitados a procurar algo que satisfaça as suas necessidades e para tal recorrem a rua. O contacto com o mercado dá-se na maior parte dos casos através de um amigo que já desenvolve uma actividade no mercado.

Menores que trabalham no negocio da família: no caso deste grupo são os responsáveis do menor que, directamente, mandam-no a rua vender, e este vê-se obrigado a ir, sem nenhum poder para recusar a ordem dada pelo seu responsável, que alega sempre a baixa renda familiar, o alto custo de vida e a necessidade do envolvimento de todos os membros da família na geração da renda de modo a resolver algumas dificuldades existentes dentro da família

Menores empregados: estes vem a Maputo a procura de melhores condições de vida, uns por iniciativa própria, e outros porque viviam em famílias desestruturadas onde eram maltratados e que por influência de um amigo os convence de que a vida em Maputo é melhor em relação a sua província de origem. Assim, acabam, migrando para cidade não em busca de uma vida fácil, mas sim fugindo do ambiente e das dificuldades materiais encontradas no interior da família. Alguns perderam os pais e acabaram ficando sozinhos e responsáveis de si mesmos, outros pararam de estudar por falta de condições financeiras e os pais acabam os dando a ideia de procurar um emprego como solução, para não ficar em casa.

#### 4. Principais Actividade Desenvolvidas Pelos Menores no Sector Informal.

De entre várias actividades que decorrem no mercado, o estudo permitiu identificar um total de dez actividades como sendo as mais desenvolvidas pelos menores no sector informal:

- ✓ A venda de pequenos produtos (como fósforos, cigarros, doces, fruta, caldos, água gelada, pedra de gelo),
- ✓ A colecta de artigos usados, deitados fora ou perdidos como cabides de roupa, pratos e talheres para posterior venda,
- ✓ Trabalham de ajudantes na confecção de alimentos buscando água e lavando loiça ou fazendo entregas, “ moços de recados ”
- ✓ Apanha de graus de cereais, alho, tomate próximo dos camiões para posterior revenda aos montes noutra ponto do mercado ou aos vendedores do mercado,
- ✓ Ajuda aos vendedores na montagem e desmonta das barracas de venda de roupa usada,
- ✓ Venda ambulante de produtos prontos a comer (amendoim torrado, castanha, bolos, doces e salgados) no mercado todo,
- ✓ Empregados na venda ambulante de artigos e produtos de cozinha (caldos, palhas de aço, folhas de chá, manteiga),
- ✓ Venda de produtos de higiene,
- ✓ Empregados em caixas no telefone móvel publico, vulgo *one Cell* e ajudantes ou carregadores para os vendedores e clientes do mercado.



- ✓ Ajudantes ou carregadores para os vendedores e clientes do mercado

Destas actividades, existem cinco que mais menores absorvem, como sendo:

- ✓ venda de produtos de cozinha ( caldos, palhas de aço, folhas de chá),
- ✓ venda ambulante de produtos prontos a comer (amendoim e castanha torrada, bolos doces e salgados),
- ✓ empregados em caixas no telefone móvel público vulgo one cell,
- ✓ colecta de artigos usados ou perdidos como cabides de roupa e talheres para posterior venda,
- ✓ ajudantes ou carregadores para os vendedores e clientes do mercado,

sendo a colecta de artigos usados ou perdidos para posterior venda a que regista um maior número de menores, com 13 dos menores inqueridos envolvidos, e ajudantes ou carregadores para os vendedores e clientes do mercado , a que menor número de menores absorve com apenas 3 dos menores inqueridos a trabalharem nela.

Os menores que trabalham por conta própria fazem em média 10 meticais diários, trabalham de segunda a segunda, e dedicam-se as seguintes actividades:

- ✓ colecta de artigos usados, deitados fora ou perdidos como cabides de roupa, pratos e talheres para posterior venda
- ✓ apanham graus de cereais, alho, tomate próximo dos camiões para posterior revenda aos montes noutra ponta do mercado ou aos vendedores do mercado
- ✓ ajuda aos vendedores na montagem e desmonta das barracas de venda de roupa usada

- ✓ ajudantes ou carregadores para os vendedores e clientes do mercado.

Dentro dos menores que trabalham no negocio da família encontramos dois subgrupos como já foi referido. Menores que trabalham com um parente por perto e menores que trabalham sem um parente por perto.

Menores que trabalham com um parente por perto: trabalham em barracas que confeccionam e vendem comida, onde o menor tem alguém mais velho da família por perto, geralmente a mãe, e este limita-se a fazer o seu trabalho (lavar a loiça, entregar os pedidos feitos), trabalham de segunda à sábado e fazem em média 300 meticais diários.

Menores que trabalham sem nenhum parente por perto: fazem 50 meticais diários dependendo do produto que vendem e da sua procura, trabalham de segunda à sábado e a maioria deles é obrigado a regressar a casa só depois de ter vendido uma parte considerável do produto.

Fatiminha tem 12 anos, vive em Xlalala com a mãe, três irmãos e o padrasto, Fatiminha não conhece o pai. Ela nunca frequentou a escola, vende amendoim torrado e consegue fazer em média 50 meticais diários.

*"... começou a vender no mercado porque mamã mandou, todos dias tem que vir vender, menos domingo... mamã todos dias quer eu vir vender e tem que acabar amendoim, só quando já vendeu muito dinheiro é que pode voltar para casa..."*

Dedicam-se estes menores as seguintes actividades:

- ✓ venda ambulante de produtos prontos a comer ( castanha assada, amendoim torrado, bolos, doces e salgados ) no mercado todo,

Menores empregados: trabalham para um patrão e recebem mensalmente 350 à 500 meticais. Vivem em casa do empregador e são geralmente muito explorados, muito pouco dispõem de tempo para descanso, incluindo nos fins de semana, não tem tempo para férias, não tem direito para descanso nos feriados oficiais, o seu tempo médio de trabalho é de 10 horas diárias, trabalham de segunda a sábado e no domingo como não trabalham no mercado dedicam-se a outras actividades em casa do empregador, dormem em más

condições, muitos na cozinha da casa em esteiras ou num local improvisado que os proteja apenas da chuva e do sol. Dedicam-se as seguintes actividades:

- ✓ empregados na venda ambulante de artigos e produtos de cozinha (caldos, palhas de aço, folhas de chá, manteiga),
- ✓ venda de produtos de higiene: sabão, sabonetes, povim, vaçouras, espanadores,
- ✓ empregados em caixas no telefone móvel público, vulgo one cell.

Tabela 1. Actividades mais desenvolvidas pelos menores que trabalham informalmente no mercado de Xipamanine

<b>Actividades Desenvolvidas</b>	<b>Menores envolvidos</b>	<b>Ranking</b>
Colecta de artigos usados ou perdidos como cabides de roupa e talheres para posterior venda	13	1 <sup>a</sup>
Venda ambulante de artigos e produtos de cozinha ( caldos, palhas de aço, folhas de chá, manteiga)	11	2 <sup>a</sup>
Empregados em caixas no telefone móvel publico, vulgo one cell	7	3 <sup>a</sup>
Venda ambulante de produtos prontos a comer ( amendoim e castanha torrada, bolos, doces, salgados, )	6	4 <sup>a</sup>
Ajudantes ou carregadores para os vendedores e clientes do mercado	3	5 <sup>a</sup>

## 5. Representações sociais sobre a actividade informal e a sua situação

Para captar as representações sociais dos menores em relação a actividade que desenvolvem, foi-lhes colocada a seguinte questão: como vêem a actividade que desenvolvem no sector informal? A resposta teve muito a ver com o grau de envolvimento do menor no negocio. Menores que trabalham por conta própria, menores que estão no negocio da família e menores empregados.

Para os menores que trabalham por conta própria a actividade informal é vista como exploração, reflectindo deste modo uma dimensão negativa da representação social da própria actividade.

Segundo estes menores, trabalham mais do que ganham, passam oito horas no mercado e só fazem dez meticais diários.

Um menor durante a entrevista disse-nos:

*"... isto que estamos fazer não é trabalho, é só para poder ter dinheiro pra comer, trabalho de verdade apanha quando vai a escola, aqui estamos sofrer, dinheiro é pouco, estão nos explorar, vendemos cabides e pratos por pouco dinheiro..."*

A percepção do mercado do Xipamanine como um local perigoso e não seguro, mostrou-se muito presente na fala dos entrevistados neste grupo, tal como os trechos a seguir indicam:

Menor de 11 anos de idade, órfão de mãe e vivendo com a avo no bairro do Xipamanine, proferiu as seguintes palavras:

*"... aqui no mercado é muito perigoso, aqueles rapazes que fumam suruma tão nos bater e arrancar dinheiro, a noite policia também ta nos bater, mandar embora..."*

Um outro menor de 10 anos, que vive com a avo, expressou-se nos seguintes termos:

*"...Xipamanine é perigoso, nós tamos a ficar porque, não temos saída, se não vir, não come, vovo ta me dar comida a falar, as vezes não dá..."*

Em relação a percepção que os menores têm de si mesmos, os nossos entrevistado mostraram-se unânimes em afirmar que se sentem inferiores e diferentes dos outros menores, sentem-se moluenes, entregues a sua sorte, com oportunidades diferentes, sem um futuro promissor se continuarem no mercado, como demonstram os seguintes depoimentos:

*" ... nós queremos ir a escola como outros meninos, porque parece que somos moluenes, e se não vir alguém nos tirar daqui do mercado o fim é de ser moluene, nindja, andar a roubar..."* ( menor de 11 anos de idade, órfão de pai, vive com a avo )

*"... meninos que não vendem, vão pra escola, não são como nós, usam roupa bonita, tem sapato bonito, não estão ficar vender aqui no mercado..."* ( menor de 9 anos, sexo masculino, órfão de mãe, vive com a avo )

Quanto as aspirações para ao futuro, a maioria dos menores neste grupo ( dez dos entrevistados), acredita que possa mudar de vida, parar de vender e estudar, mas essa mudança de vida, não esta ligada a uma mudança de atitude por parte dos seus responsáveis, isto é, os menores não contam com uma ajuda dos seus familiares, alimentam a esperança de uma instituição do estado, tirar-lhes do sector informal.

*"... nós queremos deixar de vender, ir a escola, mas vovo não tem dinheiro pra me por na escola, assim estou a espera de vir aqueles que levam meninos para me levarem, para eu morar lá mesmo e ir a escola, parar de vender..."* afirmou um menor de 11 anos

O discurso vinculado no seio do grupo é consensual, por isso o menor quando dá o seu depoimento, fala em nome do grupo, *"... nós queremos deixar de vender, porque parece que somos moluenes..."* aqui o menor esta seguro que esta opinião não é só dele, é partilhada pelo grupo.

Antes de falar dos menores que trabalham no negocio da família com um parente por

perto, é importante frisar, que falar deste grupo de menores é falar de menores que vão a escola, e como tal não trabalham todo dia como os outros menores, apenas no período que não estão na escola, e num sistema rotativo com os seus irmãos, isto é, uma semana sim outra não, ou três dias sim, três dias não.

Estes menores vêm a actividade que desenvolvem como um meio de subsistência familiar.

*"... trabalho aqui no Xipamanine para ajudar minha mãe... gosto de estar aqui no mercado, porque assim ajudo mamã a levar dinheiro para as despesas da casa..."* ( menor de 13 anos, do sexo feminino, vive no Chamanculo, o pai é carpinteiro )

*"... trabalhar com minha mãe aqui no mercado porque é uma forma de ajudar em casa nas despesas ..."* disse-nos uma outra menor de 13 anos.

Quando questionados sobre o que acham do mercado do Xipamanine em termos de segurança, estes menores afirmaram, acha-lo perigoso, apesar de não sentirem-se expostos a esse perigo, porque segundo eles tem o parente por perto que os protege.

*"... o mercado é perigoso, mas minha mãe não deixa que eu saia daqui da barraca, quando se trata de levar comida para clientes que estão nas bancas ela manda meu irmão que é homem e mais velho que eu..."* ( menor de 12 anos do sexo feminino )

*"... Xipamanine é perigoso, mas eu não fico muito tempo aqui porque vou a escola, trabalho até as 11 porque as 12 tenho que ir a escola, lavo a loiça, não faço entregas quando são para fora da barraca, vai meu irmão, minha mãe não deixa..."* ( menor de 13 anos, do sexo feminino )

Em relação a percepção que eles têm de si mesmos, afirmaram achar-se normais, iguais aos outros menores que não estão no sector informal, pois fazem as mesmas coisas que eles, brincam em casa, vão a escola, e ajudam os pais.

*"... a única diferença entre outros meninos e nós, é que a ajuda que damos aos nossos pais é ajudar a vender aqui no mercado, mas eles também trabalham em casa, varem quintal, lavam loiça. Somos iguais, todos ajudamos em casa..."* ( menor de 13 anos do

*sexo masculino )*

Quanto as aspirações para o futuro, estes menores afirmam que o facto de estarem no sector informal não prejudica em nada os seus sonhos, desejo de continuar a estudar, formar-se, pelo contrario é com a ajuda que dão aos pais que esses sonhos se realizarão.

*"... eu vou para escola, e não vou parar de estudar, até ajudo mamã para poder ter dinheiro para comer e para as coisas da escola, uniforme, cadernos.." ( menor de 13 anos, sexo feminino )*

*"...vou continuar a estudar e ajudar minha mãe para termos tudo em casa, para ter dinheiro para escola, para o uniforme, os cadernos..."(menor de 12 anos, sexo feminino)*

Os menores que trabalham no negocio da família sem um parente por perto, também vêem a actividade que desenvolvem como um meio de subsistência familiar.

*"... vende pra ajudar mamã a comprar comida..."* referiu uma menor de 12 anos do sexo feminino

*"... vende porque em casa não tem comida, é pra comprar comida..."* ( menor de 13 anos, sexo feminino)

Em relação a segurança do seu local de trabalho, todos os menores afirmaram, acha-lo perigoso.

*"... aqui no Xipamanine tem muitos rapaz que é nindja, ta provocar sempre, andar a me tocar, me pegar, eu não gosto..."* ( menor de 13 anos do sexo feminino )

Uma outra menor de 12 anos do sexo feminino afirmou:

*"... tem muitos rapazes que fumam, tão nos pegar, levar dinheiro, e depois mamã ta zangar em casa, andar a insultar.."*

Quanto a percepção que estes têm de si mesmos, afirmaram sentir-se inferiores aos outros menores, diferentes, pois não vão a escola.

*"...outros meninos vão para escola, sabe ler escrever, não vendem, não são como nós, não fica no mercado..."* ( menor do sexo masculino de 13 anos )

*"...nós só vende, não estuda, quando não vende mamã ta falar, tamos brincar aqui mesmo no mercado..."* ( menor do sexo feminino, com 12 anos de idade )

Quando questionados sobre o seu futuro, os menores não acreditam poder algum dia mudar de vida, ter uma educação escolar, arranjar um trabalho diferente futuramente, pois para isso precisariam dos pais e estes não permitem que eles vão a escola.

*"...mamã ta dizer que não vai me por na escola porque ela não foi e eu não preciso de escola para nada, eu precisa vender para poder ter comida em casa, porque não tem..."* ( menor de 13 anos do sexo feminino )

*"... meu pai diz que não tem dinheiro para eu ir a escola e ele cresceu e viveu até que sem escola, eu também vou conseguir não preciso de escola para nada, porque ate aqueles que estudaram outros não tem nada..."* ( menor do sexo masculino de 13 anos )

Um outro menor de 13 anos, do sexo feminino disse:

*"...mamã diz que essas coisas de escola não é para eu, porque nós somos pobres, ela não tem dinheiro, eu precisa vender para ter comida..."*

Quanto aos menores empregados, estes vêem a actividade que desenvolvem como um trabalho.

*"... para mim é um trabalho porque com dinheiro consigo comprar o que eu quero, embora não tudo, mas compro..."* ( menor de 15 anos )

*"... para mim que não tenho nada é um trabalho, eu não estudo parei, agora estou a trabalhar aqui no mercado..."* ( menor de 14 anos )

Em relação a segurança no mercado do Xipamanine, este grupo de menores, tanto quanto os outros grupos afirmou acha-lo perigoso. Um menor de 15 anos disse:

*"... o ambiente é perigoso, eu fico com medo e inseguro, porque existem outros miúdos*



*mais velhos que fumam, drogam-se, assustam - nos, por vezes batem, ameaçam e levam a receita do dia, e quando isso acontece a patroa desconta no final do mes..."*

*"... acho perigoso mas não tenho saída, tenho que vir para poder ter dinheiro para comprar o que preciso e mandar para meus irmãos mais novos..."* ( menor de 14 anos de idade )

Estes menores afirmaram não estar satisfeitos com o que fazem. A maioria dos entrevistados ( nove dos treze deste grupo) afirmou que desejava algo melhor para sua vida, continuar a estudar, ter um emprego diferente.

*"... estamos aqui porque não temos opção, não temos dinheiro, quero ter um outro emprego porque estamos a sofrer e hoje em dia qualquer trabalho bom precisa escola, até menina, estudou para me fazer essas perguntas..."* ( palavras de um menor empregado de 15 anos de idade )

Este grupo de menores afirmou ainda, sentir-se inferior aos outros menores, entregue a sua sorte, pois enquanto eles continuam a trabalhar os outros vão recebendo uma educação escolar que lhes valera para o futuro.

*"...as vezes invejo outros miúdos que não são como eu, que não sofrem como eu, que acordam não pensam em ir trabalhar para poder comer... mas qual tem a sua sorte..."* ( menor empregado de 15 anos de idade )

*"... aqui em Maputo estou sozinho, sem meus pais, meu irmão, não vou a escola, é triste a minha situação..., mas não posso fazer nada, voltar para casa e desistir é procurar mais problemas pra minha vida..."* ( menor de 15 anos de idade )

Quanto ao seu futuro, não acreditam poder algum dia mudar as suas vidas, ter um emprego diferente pois para eles o destino deles era aquele, desejam apenas juntar dinheiro para comprar chapas de zinco, esteiras, ou para conseguir abrir um negocio próprio.

*"... eu queria outra vida para mim ma as coisas tão difíceis, não acredito que vou conseguir, até aqueles que tem estudo não tem trabalho, eu quero juntar dinheiro para ir*

---

*para minha terra e abrir meu negocio..." ( menor de 14 anos de idade )*

*"... a vida não esta fácil para ninguém, Deus quis que eu fosse pobre e assim serei. O que quero é continuar a trabalhar aqui e ter meu dinheiro para comprar minhas coisas..." ( menor de 15 anos de idade )*

## **6. Impacto da actividade informal no menor e na família**

Olhando para os três grupos de menores identificados, o envolvimento dos mesmos no sector informal, pode ser visto de forma negativa, pois, este constitui um obstáculo à sua educação e não constitui necessariamente uma solução sustentável à estabilidade sócio económica para as suas respectivas famílias.

O sector informal serve apenas para satisfazer em parte algumas das necessidades diárias dos agregados familiares, não deixando margens para uma progressão económica bem como para uma melhoria sustentável da qualidade de vida e da condição económica dos mesmos. Visto que com a colocação do menor no sector informal a família não observa melhorias na habitação em termos de colocação de electricidade, água canalizada, melhoria no pavimento da habitação, melhorias na qualidade da alimentação.

O que o menor traz à família é canalizado apenas para as necessidades básicas diárias alimentares ( arroz, açúcar, mandioca etc. ) continuando a prevalecer as dificuldades materiais que contribuíram para a sua precoce entrada na vida laboral.

Com a colocação dos menores no sector informal estes se tornam vulneráveis porque para além de terem o mercado como local de trabalho, este constitui, para eles, um lugar de recreação, o que os põe em situação de risco, pois este oferece perigos para um menor, principalmente para os que ainda se encontram em fase de desenvolvimento.

Com entrada do menor no sector informal a sua educação é relegada para segundo plano, o que prejudica o menor e a sua família.

Quanto ao menor, este, quando ingressa na força de trabalho, está em condições desvantajosas para se incorporar nos sectores mais modernos da economia, de produtividade elevada e crescente, não está em condições de participar nas mudanças tecnológicas e acaba em sectores económicos de baixa produtividade e renda.

Em relação à família esta perde um potencial de rendimento futuro quando os menores são retirados da escola e colocados no sector informal.

## Conclusão

O presente estudo permitiu-nos tirar as seguintes conclusões:

Existem no mercado do Xipamanine três grupos principais de menores por nós identificados: menores que trabalham por conta própria, menores que se encontram no negócio da família e menores empregados.

A maioria deste menores não frequenta a escola, apenas os menores que fazem parte do negocio na família mais concretamente os que trabalham com o parente por perto é que frequentam a escola, isto é, apenas 7 dos 40 menores por nós entrevistados.

A entrada dos menores no sector informal está ligada a estrutura familiar que envolve o próprio menor e principalmente ao seu responsável, visto que, apesar da carência e das necessidades que passam a maior parte dos agregados por nós entrevistados, a colocação do menor no sector informal não constitui uma solução sustentável para o próprio agregado.

Primeiro, o que o menor traz à família é pouco significativo e não muda em nada a situação de carência em que a mesma se encontra;

Segundo, a maior parte dos menores que se encontram no sector informal não frequentam a escola. Os seus responsáveis usam-nos como uma das fontes complementares da renda familiar no sector informal, em detrimento de mandá-los a escola, reflectindo, desse modo, pouca importância dada à educação, por parte dos respectivos pais ou encarregados de educação dos menores

Deste modo confirmamos a nossa hipótese segundo a qual é dispensável o envolvimento do menor na actividade informal pois o que este traz para família é pouco significativo e não muda em nada a condição precária da mesma, servindo apenas para satisfazer em parte algumas das necessidades diárias do próprio agregado.

---

## **Bibliografia**

1. ABRAHAMSSON, Hans; NILSSON Anders. (1995) **Ordem Mundial Futura e Governação Nacional em Moçambique**. Patrigu: CEEI - ISRI, 231 p.
2. ANDRADE, Ximena.(1992). **Para uma reflexão sobre o sector informal cidadão**. Estudos Moçambicanos, Maputo: CEA\UEM, v. 8, n°11\12, pp. 79-92, nov.
3. BERGER Peter L; LUCKMANN Thomas (1985). **A Construção Social da Realidade**. 16ª edição. Editora vozes, Petrópolis
4. CHICHAVA, José. (1998). **O sector informal e as economias locais**. 2ª ed. Maputo: Ministério da Administração Estatal ( MAE). 28p
5. Dicionário de Ciências Sociais fundação Getulio Vargas, Instituto de Documentação; Benedito Silva, coordenação geral; António Garcia de Miranda Netto... \ et al. \. Rio de Janeiro: fundação Getulio Vargas, 1986. 1421 p.
6. DEMARTINS, Lúcia. (1999). **Compêndio de Sociologia**. Edições 70. Lisboa
7. DEMARTINS, Paul. (2002). **Compêndio de sociologia**. 70ª ed. Lisboa : Instituto Geográfico de Agostini. 270p.
8. MINAYO, Maria C. (1994). **As Representações Sociais e o Imaginário Sobre a Cultura**. 3ª edição. São Paulo.
9. MOSCOVICI, S. (1978). **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar
10. OIT, (Organização Internacional do Trabalho). (1993). 15th. Internacional

Conference of Labour Statistics, Genève, January.

11. QUIVE Samuel; PATRICIO Gonçalves. (2005). **Sistemas informais de segurança social em desenvolvimento**. Maputo: Fundação Friedrich Ebert. 44p.

12. SAMUELSON Paul, .A; NORDHAUS, William D. (1999). **Economia**. Editora Mcgrawhill, 16ª Ed. Lisboa: Mcgrawhill, 779p.

13. UNICEF. (2002). **Plano Director de Operações**.

14. UNICEF. (2001). **Realidades da criança Moçambicana no novo milénio**.

**ANEXO I. Questionario usado para as entrevistas no campo**

**Parte I. Questionário dirigido ao menor**

**I. Perfil do Menor**

Sexo: \_\_\_\_ Masculino \_\_\_\_ Feminino

Idade: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Escolaridade: O menor anda na escola? \_\_\_\_ SIM \_\_\_\_ NÃO

Se sim, em que classe está agora? \_\_\_\_\_

Com que frequência vai a escola? \_\_\_\_\_ regularmente \_\_\_\_\_ irregular

Se não, porque motivo não vai a escola? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Andou alguma vez na escola? \_\_\_\_ Sim \_\_\_\_ Não

Caso sim. Até que classe? \_\_\_\_\_

O que fez com que saísse da escola? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

---

---

Deseja voltar a escola? \_\_\_\_\_ Sim \_\_\_\_\_ Não

Porque razão quer ou não quer voltar para escola?

---

---

---

---

Caso queira, de que necessita para voltar a escola?

---

---

---

---

## 2. Participação do Menor no sector Informal

Actividade Informal em que está envolvido (Trabalho que faz)

---

---

---

Qual é o seu grau de envolvimento no negócio?

É empregado \_\_\_\_\_ Negócio de Família \_\_\_\_\_ Trabalha por conta própria \_\_\_\_\_

Quanto tempo passa no mercado por dia (*Hora de Saída - Chegada = Horas de trabalho diário*)

---

---

---

---



\_\_\_\_\_

A que horas dorme e a que horas acorda normalmente?

\_\_\_\_\_

A quanto tempo trabalha informalmente? *Anos, meses, dias... (ver com q idade começou)*

\_\_\_\_\_

Porque razão começou a trabalhar? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Quanto consegue fazer em dinheiro diariamente? *(média entre dias bons e dias maus)*

\_\_\_\_\_

Que finalidade dá ao dinheiro obtido? *(Usa-o para fins próprios ou canaliza-o ao responsável do agregado familiar).*

\_\_\_\_\_

Que parte do dinheiro é usada para cobrir despesas com o menor (escola, saúde e outras necessidades básicas deste)

Consegue cobrir as necessidades diárias da sua família ou as suas? Se não porquê continua com esta actividade?

**3. Estrutura e Ambiente Familiar que Envolve o menor**  
(Questionário dirigido ao menor e agregado Familiar)

Tabela 1. Constituição do Agregado Familiar

Nome	Idade (anos)	Grau de Parentesco	Nível de Escolaridade*	Situação Laboral*	Rendimento Mensal

\* Escolaridade ou outro tipo de formação profissionalizante

\* Forma de emprego, em caso de emprego informal dizer qual é, e se é por conta própria ou não (especificar)

---

---

---

---

---

---

---

---

Quem é o principal responsável por cuidar do menor? (Pai, Mãe, Tio, Tia, Irmão ou Irmã mais velho, Primo directo, Outro)

---

---

---

---

Em caso do responsável pelo menor for desempregado, qual a sua fonte alternativa de rendimento tem?

---

---

---

---

O que a família ou responsável pensa do envolvimento do menor na actividade informal?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Quanto do que ele traz é reinvestido nele (educação, saúde, roupas...)

---

---

---

---

A família é ou não capaz de viver sem a contribuição do menor?

**3. Percepção que o Menor tem da sua Situação, do seu Futuro e da Sociedade em que se Encontra Inserido.**

O que o menor pensa do seu envolvimento na actividade informal? (Vê-a como forma de aquisição de dinheiro para satisfação das suas necessidades, meio de subsistência familiar, emprego, exploração, etc.)

---

---

---

---

Está satisfeito ou não com o que faz? Porquê?

---

---

---

---

Sofre algum tipo de pressão a nível familiar para fazer o que faz? Se sim de que tipo?

---

---

---

---

---

Tem alguma meta em termos de dinheiro a fazer ou tempo de permanência no mercado por dia?

---

---

---

---

O que pensa do ambiente em que trabalha? Acha-o seguro para alguém da sua idade?

---

---

---

---

Já sofreu algum tipo de acidente, ameaça ou assalto decorrente do trabalho?

---

---

---

---

O que pensa do acontecido?

---

---

---

---

Quais são para si as vantagens (para além do dinheiro) e desvantagens do trabalho que faz?

---

---

---

---

---

Como é que o menor vê a si próprio?

---

---

---

---

Quais são as suas aspirações/ambições imediatas ou para o futuro?

---

---

---

---

Tem alguma preocupação ou receio em relação a actividade que desenvolve e a sua condição de vida?

---

---

---

---

---

Tem algum tempo para brincar, socializar-se com outras crianças?

---

---

---

---

Acha que pode algum dia mudar a vida que tem hoje?

---

---

---

---

---

Na sua opinião, o que pode ou é preciso para melhorar a sua situação?

---

---

---

---

Acha que existe algum culpado pela situação em que se encontra? Quem e porquê?

---

---

---

---

---

---

---